

# **BLUMENAU**

## **em CADERNOS**

Tomo I

Número 6

Abril de 1958

**BRUSQUE** É UMA DAS MAIS RICAS,  
PRÓSPERAS E APRAZÍVEIS CIDADES DA BACIA  
DO ITAJAÍ.

SUAS INDÚSTRIAS SE ORGULHAM DE  
PRODUZIR ARTIGOS QUE RIVALIZAM COM O  
QUE HÁ DE MELHOR NO BRASIL.

PREPARE-SE DESDE JÁ PARA VISI-  
TAR BRUSQUE EM 1960, ANO DO SEU CENTE-  
NÁRIO.

Cooperação de Carlos Renaux S/A.

## **Blumenau em Cadernos**

Mensário dedicado à história e aos interesses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números ..... Cr\$ 100,00  
Número avulso ..... Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.  
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos  
Caixa Postal, 425  
BLUMENAU — S. CATARINA



# BLUMENAU

## em CADERNOS

Tomo I

Número 6

Abril de 1958

## Páginas do meu velho arquivo

### Uma entrevista com Curt Hering

Nemésio HEUSI

**O** MEU OBJETIVO ao entrevistar o Sr. Curt Hering, era, na época de 1942, em plena guerra, situar as forças democráticas e as totalitárias, em função do próprio mundo em que vivemos.

Empolguei-me de tal forma pela palestra do entrevistado, que acredito ter me alongado demais. Mas . . . onde cortar a entrevista? Não! Não cometeria tamanho crime contra a elegância de um amigo que desfilou diante da minha maior curiosidade, uma formação cultural que bem sei, foi conseguida através do árduo trabalho, que a faculdade da vida lhe ensinou e que êle tão sãbiamente empregou em todos os momentos de sua admirável e útil existência de homem probo e capaz.

Vamos portanto à entrevista na sua segunda fase em que tratamos do comunismo como força totalitária.

— Sr. Curt Hering: depois de ouvir um verdadeiro hino histórico de fé democrática, gostaria que o Sr. me falasse do comunismo, sua doutrina e seus efeitos sobre a grandeza democrática.

— Sr. Heusi, o Sr. sabe melhor do que ninguém que a doutrina comunista é uma utopia. Mas, antes de irmos buscar na história a própria história quimérica da doutrina comunista, vou abrir um parêntesis para recordar um fato que vem demonstrar a maior preocupação do meu velho e sempre saudoso pai, Hermann Hering, bem como a do muito saudoso tio Bruno Hering, que, como o Sr. sabe, foram os fundadores da Companhia Hering, hoje com mais de sessenta anos de existência. Com pouco mais ou menos quinze anos de idade comecei a trabalhar junto de meu pai e de meu tio aqui na empresa Hering. Foi uma grande escola e aos poucos fui sentindo a preocupação dos fundadores desta empresa quanto ao problema social da mesma no que se refere ao lado profundamente humano do nosso operário. Isto no começo de nosso século, pois a nossa em-

prêsa foi fundada em 1880, ou seja em fins do século passado. Veja portanto que já naquela época procurávamos a melhor harmonia entre o Capital e o trabalho.

Vamos agora, depois dêste longo parêntesis, entrar no âmago a análise da doutrina comunista. A primeira manifestação, realmente comunista, tivemos com o célebre lançamento do "Manifesto Comunista", de 1848, de íntima colaboração de Marx. Este manifesto, no entanto, não surtiu o efeito que esperavam os comunistas. Sòmente em 1867, quando apareceu pela primeira vez impresso "Capital" de Karl Marx é que teve o comunismo o seu Corão, surgindo então uma legião de comentadores, de exegetas e sectários. As teorias marxistas viveram a sua época efêmera porque não acreditando na harmonia entre o Capital e o Trabalho, criaram um mundo de revoluções pessimistas como se a evolução social do Capital e do Trabalho fôsse coisa irrealizável. Citemos um exemplo para situar-se melhor o pessimismo marxista e conseqüentemente o comunista. Se fôsse possível Karl Marx ler hoje — passando-me os estatutos da "Instituição Hermann Hering" para eu ler, e continuou — êstes estatutos que estão em suas mãos onde a nossa Cia. assiste através da "Instituição Hermann Hering" o operário com recursos médicos, hospitalares e farmacêuticos, auxílio refeitório, adicional à aposentadoria concedida pelo IAPI, seguro de vida em grupo e o que é mais importante: a participação nos lucros para todos os seus servidores!

— O que aconteceria Sr. Heusi, a Karl Marx e aos comunistas se lessem êstes estatutos?

— Sem dúvida Sr. Curt Hering, tudo isso prova exatamente que o marxismo e o comunismo não souberam prever a evolução e a harmonia entre Capital e Trabalho.

— Certo, Sr. Heusi. Eles foram por demais pessimistas. Eu sempre acreditei e continuo a acreditar na fôrça e no ideal democrático, na liberdade ampla e responsável, na evolução cada vez maior da Social Democracia onde o Capital e o Trabalho irmanados pelo mesmo ideal de dignidade humana possam construir uma Paz duradoura onde a humanidade viva o seu sublime destino.

E levantando-se como quem dá por encerrada a nossa palestra finalizou:

— Sr. Heusi aí está situada a doutrina comunista dentro do mundo democrático: é a sua própria existência! Se comunista fôsse o mundo, jamais sobreviveria a democracia. Basta isto para mostrar a beleza e a grandeza do ideal democrata. Eis a nossa verdade histórica!

— \* —

Decorridos dezesseis anos vou encontrar nas páginas de meu velho arquivo, esta entrevista que nunca havia publicado antes. Ela não teve prazo para ser publicada porque em qualquer época sempre estará atualizada. Se vivo fôsse o saudoso Curt Hering estaria completando a oito de maio próximo, setenta e sete anos de existência. Prestemo-lhe uma homenagem publicando, no mês de seu aniversário, êstes fragmentos da sua cultura que tanto personalizaram o seu caráter e refletiram em seus exemplos.



# Relatórios do Dr. Blumenau

## Quarto Relatório da Colônia Blumenau

**Ano de 1853** (1)

**A** COLÔNIA está situada nas margens do rio Itajaí-grande, em distância de seis até sete léguas da costa do mar. O rio oferece, na embocadura, um pórtio bom e seguro contra todos os ventos e a barra do mesmo na maré baixa regula um fundo de 14 até 15 palmos d'água, pelo menos.

Fora da barra os morros das Cabeçadas formam uma abra ou praia bem abrigada contra os ventos de Leste pelo Sul ao Oeste, os quais ordinariamente são os mais fortes, e esta abra pode abrigar os navios da maior lotação.

O rio está bem navegável para os iates do país até ao arraial do Belchior, meia légua abaixo da colônia; dali até o embarcadouro atual da colônia tem duas correntezas baixas e bastante rápidas que dificultam, porém não impedem, a livre navegação de maneira que havendo, no futuro, bastante população para entreter vantajosamente a carreira de vapores chatos como se tem nos rios baixos da Alemanha, poderão os mesmos subir até meia légua acima do atual embarcadouro da colônia.

As terras do Itajaí, geralmente são celebradas na Província de Santa Catarina pela sua uberidade, e quanto mais rio acima, tanto mais férteis e mais livres de pântanos elas se mostram; a mandioca nos morros e taboleiros e a cana de açúcar nas vargens dão admiravelmente, como também milho, feijão, tabaco etc. etc. e a batata inglesa fornece ainda boas colheitas e no outono (março a julho) mesmo excelentes e abundantísimos tubérculos enquanto que mais ao norte, na colônia de D.<sup>a</sup> Francisca, muitas vezes nem sequer rende a semente e degenera.

O clima é dos mais salubres e até agora tem tido poucos casos de doenças entre os colonos, tanto entre aquêles que chegaram recen-

temente como entre os domiciliados já há 15 anos.

Foram estas, principalmente a fertilidade e a boa situação das terras, num rio navegável com pórtio seguro, à proximidade do mar o clima salubre e a circunvizinhança de muitas terras devolutas os motivos que me determinaram fixar o meu estabelecimento no lugar onde hoje existe, depois de eu ter viajado por grande parte das províncias do Rio de Janeiro, Santa Catarina e e Rio Grande do Sul.

Não me enganei nos meus cálculos relativos à prosperidade dos colonos estabelecidos no Itajaí, encaro-o ainda como a melhor situação para uma grande empresa colonial nesta província e podendo eu dispor dos meios necessários para tal grande empresa, não duvidaria que o Itajaí, num decênio, seria a região mais florescente desta província.

O sistema da colônia é aqui o da emigração espontânea; os colonos vêm ordinariamente às suas custas e somente em raros casos eu adianto a passagem. O mesmo não acontece com os viveres, os quais forneci e ainda agora devo fornecer ou adiantar à maior parte dos colonos, ficando eles obrigados à restituição das quantias adiantadas e as suas terras hipotecadas por elas até o final do reembolso.

Cada pai de família recebe grátis uma superfície de 50 até 75 mil braças quadradas, porém alguns preferiram tomar chãos de casa de 500 até 1000 braças quadradas no lugar do embarcadouro no rio ou da futura povoação para melhor exercerem ali os seus officios.

Outros mais abastados compraram terras já cultivadas nas margens do rio mais para baixo.

Tomando a colônia e sua população maiores proporções, pretendo reservar em cada légua quadrada mais ou menos terras para lu-

gar e arraial público, para igreja e escola e para lotes pequenos.

Estes últimos serviriam para officiais de officios, que não pudessem muito trabalhar na lavoura e para familias indigentes, as quais nêles se poderiam estabelecer sem grandes despesas e ganhar em poucos annos, em jornais, os meios necessários para poderem comprar maior superficie e nela se estabelecer.

De agora em diante, porém, não poderei continuar de outorgar as terras grátiis aos colonos mas hei de vender-lhes as mesmas por preço barato; sendo esta a única renda que pretendo e posso tirar da colônia e dos colonos e exigindo a empresa bastante gastos não posso prescindir dela, mas ainda assim recompensa somente de muita modicidade o trabalho e o capital que já envolve e ainda sempre requer.

A colônia e os colonos prosperaram desta maneira, porém assim não é empresa que pode fornecer lucros nem os usuais e qualquer outro negócio rendê-los-ia maiores; as vantagens indirectas que recaem em proveito de um grande circulo de moradores e mesmo do estado, são maiores do que os direitos em proveito do empreendedor. De outro lado, prosseguindo-se em tal empresa como meio de grande lucro, no meu ver nunca poderá prosperar e tomar proporções grandes e duráveis e por isso era de desejar que o governo tomasse êsses negócios inteira e directamente em sua mão; eu expus esta opinião em diversas memórias, que tive a honra de oferecer ao Governo Imperial, e conservo-a ainda hoje.

E' reservado aos grandes cabedais de prosseguir em tais empresas com vantagem pecuniária; aquellas de menor escala, como a minha não se podem sustentar senão com a maior dedicação e amor à causa e com efetivos sacrificios pecuniários. A experiência neste país evidencia que quase sempre se arruinavam os empreendedores e queira Deus que não me aconteça o mesmo; que eu não perca inteiramente a fortuna que eu trouxe da minha antiga, e o fruto dos annos de penoso trabalho que passei na nova pátria.

O regime que eu até agora se-

gui na direção dos negócios da colônia e dos colonos é o mais simples — reconhecendo os meus colonos, quase sem exceção alguma entre êles, com gratidão e confiança os meus esforços pela sua prosperidade, estou considerado por êles mais como amigo dedicado do que como diretor e não sendo o seu número muito grande, muitas difficuldades se aplainam com facilidade que em outras colônias deram occasião para desgostos e conflitos. Desta maneira, consegui convencer a maior parte dos meus colonos para trabalhos públicos por um jornal tão módico que os outros moradores recusaram decididamente de tomar parte nêles, e de executá-los por preço muito mais barato que em circunstâncias ordinárias.

Como não aspiro supremacia alguma sobre os colonos, tratandolos cuidadosamente com a mesma urbanidade e correção, que exijo dêles contra mim, espero que também no futuro, quando houver maior população as minhas relações para com os colonos sejam sempre mais aquellas de um vizinho e amigo do que de um superior.

Todavia, será conforme o programma que publiquei na Alemanha sobre a minha empresa, no futuro e quando houver na colônia ao menos vinte e cinco familias, um conselho comunal no qual me reservei um assento e voto sendo os outros membros do mesmo eleitos livremente pelos colonos; êste conselho dirigirá, sem prejudicar ou querer subtrair-se à jurisdicção das autoridades do país, os negócios internos da colônia concernentes às obras comunais urgentes, para as quais não houver consignação de meios da parte da Província ou do Governo Imperial, ao culto Evangelico e outros desta espécie que não pertencem ao fóro das autoridades do país. Exercerá também uma espécie de baixa policia, quanto fór compativel com as leis em vigor, para evitar ou compor rixas e desavenças entre os colonos, e enfim êstes se obrigam formalmente, na entrada da colônia, de recorrerem em tôdas as disputas ou lides que não pertencerem "ex-officio" às autoridades do país, unicamente à decisão de árbitros; e de se sujeitarem sem renitência



e sem outra apelação, que não fôr aquela de um segundo e em casos de maior monta, terceiro tribunal de árbitros, à sua sentença.

Até agora não havia ocasião de julgar se esta instituição dos árbitros será exequível sem dificuldades na parte dos colonos, encaro-a porém como a mais salutar em favor da colonização alemã neste país, e a sua função como lei geral e forçosa em tôdas as colônias alemãs, de maneira que as autoridades do país deverão executar as decisões dos tribunais de árbitros a todo transe, faria na Alemanha a melhor impressão em favor da emigração para o Brasil. Em efeito, a não haver intérpretes probos e assalariados pelo estado e bastante inteligentes para bem entenderem o espírito de ambas as línguas, é quase impossível que as autoridades do país possam formar decisões justas em questões dos colonos recém chegados; os colonos estabelecidos já há muito tempo no país mesmo abusam dos seus conhecimentos da língua, dos costumes, das leis e ainda das tortuosidades destas de uma maneira às vezes inteiramente criminosas contra o recém chegado, imperito e cheio de confiança contra os seus antigos patrícos, o qual quando não achar por acaso um amigo desinteressado e conhecedor do país etc. se acha verdadeiramente perdido e desamparado entre eles, que de costume estão ligados uns aos outros por parentesco, compadrecos ou outros vínculos e raras vezes estragam bons negócios, nos quais eles mesmos não perdem e as vezes ainda ganham, um ao outro, esperando dêle em ocasião oportuna o mesmo bom serviço. Logo os prejudicados ou diretamente logrados clamam na Alemanha contra o país e a pouca protecção que as autoridades e a justiça a eles fornecem, e pôsto que muitas vezes eles mesmos, a sua irreflexão e precipitação, sejam as causas da sua desgraça, as suas queixas sempre fazem impressão grande e desfavorável na Alemanha e são exploradas pelos inimigos do Brasil.

Por todos estes motivos era a desejar, que a instituição dos árbitros, a escolher pelos interessados, se tornasse forçosa e geral em

tôdas as colônias alemãs que com eles fazem negócios.

O estado da população da colônia se mostra pelo mapa junto sendo o mais exato possível, todavia não se pode referir senão à data em que foi feito. Os solteiros andam trabalhando aqui e acolá, ausentam-se da colônia e em breve tornam a vir, para depois de semanas e meses de novo ausentarem-se. Parece também que diversas famílias ainda não fixaram definitivamente o seu domicílio; foi, por exemplo assim, que o colono n.º 91, que no princípio do ano presente se ausentara da colônia, e comprara terras já cultas, algumas léguas abaixo da colônia, as vendia há pouco e me declarava depois da feitura do mapa junto, a sua intenção de voltar à colônia com a sua família de três membros. Pela volta dêle teria pois um acréscimo de quatro pessoas poucos dias depois da feitura do mapa. No mesmo estão contemplos, como já chegados e existentes, dezesseis pessoas que saíram de Hamburgo em meados de outubro e neste momento provavelmente já se acham na barra dêste rio. Sendo o chefe ou condutor desta pequena sociedade um dos meus mais íntimos amigos, não corro eu o risco que, chegados em São Francisco, se deixem reter na colônia D.<sup>a</sup> Francisca em prejuízo da minha. Aconteceu este caso, porém, com algumas famílias e solteiros do último e penúltimo transportes, os quais, atemorizados por falsos boatos sobre a minha colônia, que foram de propósito espalhados, abandonavam a sua primeira intenção, de se estabelecerem na minha colônia, para a qual foram engajados, e ficavam em D.<sup>a</sup> Francisca. E' de lastimar que mesmo o diretor daquela colônia se metia nestas intrigas pouco decentes e incompatíveis com a sua posição.

As entradas dêste ano estão muito diminutas e se restringem até esta data a dezesseis pessoas; com as dezesseis que se espera por estes dias, o seu número será de trinta e duas. As entradas desde o princípio da empresa montam a 150 e com as dezesseis em viagem seram de 166. daquelas 150 pessoas, 127 ficaram nas margens do Itajaí e 23 ausentaram-se para mais longe.

Pelo estabelecimento de diversas famílias em terras já cultivadas que compravam, e na barra do rio, e pelo falecimento de três pessoas, a população fixa da colônia diminuiu de 78 pessoas contra 104 do ano passado. Tendo tido, desde o principio, a empresa nove nascidos e deles se ausentado um, há um acréscimo de oito e a população com estes monta 86 almas e, depois da chegada das 16 pessoas em viagem, a 102.

Os motivos da diminuta imigração deste ano de 1853, tanto nesta colônia como em outras são muitos; em primeiro lugar porém estão as continuadas agressões da Sociedade Central de Berlim e de grande parte da imprensa alemã, hostil ao Brasil e as intrigas secretas de diversos governos alemães contra a imigração alemã para este país. Precisarão expedientes extraordinários e executados com perseverança para vencer estes obstáculos e, no meu ver, a pura e simples execução da lei geral sobre as terras devolutas terá pouco ou nenhum efeito para atrair em breve uma imigração espontânea e considerável ao país. Pronunciei esta opinião já em diversas memórias, principalmente numa que entreguei aos senhores Viscondes de Abrantes e Cansação de Sinimbu no ano de 1848 e conservo-a ainda hoje intacta em toda a sua constância não obstante as opiniões opostas de grandes autoridades nesta matéria, tendo também em meu favor uma experiência prática de sete anos. As circunstâncias do Brasil são diversas das da América do Norte, Austrália etc. e o seu sistema de colonizar deverá também ser, ou não terá o efeito desejado. Esta lei serve, é verdade, de cavalo de batalha à sociedade de Berlim, porém não é difficil de mostrar evidentemente ao público alemão a dialética sofisticada da mesma — serve somente de encobrir intrigas motivadas por outros interesses e mesmo pôsto o caso da sua execução, aquella sociedade que está intimamente ligada ao governo prussiano dirigirá logo os seus ataques sobre outros pontos. Para bem esclarecer o público alemão sobre o Brasil, não bastam curtos artigos de jornais, mas precisará de uma exposição ampla, escrita com leal-

dade e clareza e espalhada em forma de folheto e em milhares de exemplares, gratuitamente, por toda a Alemanha. Unicamente assim o público alemão, disposto para a emigração, pode ser esclarecido sobre o Brasil com prontidão e efficácia.

Outro motivo da diminuta imigração deste ano foi a aparição do cólera-morbus em Hamburgo. Foi esta a causa que uma sociedade de 40 pessoas mais ou menos, que pretendia dirigir-se à minha colônia e já me tinha pedido de reservar-lhe terras com força d'água para engenhos, se retratava e procrastinava a sua partida para o ano futuro.

Em compensação do diminuto alargamento extensivo da colônia o intensivo foi maior e o número dos fogos existentes elevava-se a 19 acabados e mais três em construção.

Existe um engenho de açúcar e de guardante, um dito de farinha de mandioca e prepara-se outro de açúcar para a safra próxima futura. Para um moinho de milho mandei duas grandes pedras e as ferramentas necessárias de Hamburgo e espero que o mesmo seja montado em poucos meses, suprimindo uma grande necessidade da colônia. Igualmente já tem as ferramentas para engenhos de serrar madeiras, o qual será estabelecido no decurso do ano futuro e dará occasião de ganho a muitos colonos. Fêz-se também uma porção de pedras de amolar as quais alcançarão bons preços e os respectivos canteiros estão continuando nesta indústria. Fabricam-se vinagre e diversos licores em ponto pequeno e fizeram-se ensaios de fabricar cerveja de açúcar, cujo resultado é bastante animador; o produto, pôsto que ainda imperfecto, acha pronta extração e fornece aos colonos uma bebida sã e refrigerante, porém não se conserva por muito tempo.

O principal ramo de indústria da colônia ficará sempre a lavoura e esta progride admiravelmente. As derrubadas e as roças plantadas se estendem por largo espaço e as últimas colheitas principalmente de batatas inglesas e feijões foram abundantes que parte dos colonos já podia vender delas. A maior parte dos colonos cultiva ainda es-



tes gêneros, o milho, os carás, aipins etc. e os legumes europeus como uma nutrição imediata, porém também a mandioca em maior extensão e esta última já fornecerá no ano próximo-futuro uma porção de farinha. Alguns plantam a cana de açúcar em maior extensão e pode-se esperar na safra próxima-futura por um produto de 70 a 90 barricas de açúcar e quantidade de aguardente proporcionada. A safra passada produziu 24 barricas de açúcar e três a quatro pipas de aguardente. O fumo que foi cultivado por alguns colonos dava excelentes fôlhas e continua-se na sua cultura, em pequena escala, como também naquela da mamona, de cujas sementes já se fabrica azeite bastante para o gasto da colônia. Cada colono já plantava maior ou menor porção de cafézeiros. Distribui aos colonos toda casta de raízes e plantas úteis, assim como árvores frutíferas do país e assim não lhe falta quase nada daquilo que se planta usualmente, como algodão, gengibre, pimenta, laranjeiras, pessegueiros etc. etc. Todos criam ainda porcos e galinhas e alguns em breve terão pastos prontos para o gado vacuum e cavalos.

O culto evangélico foi celebrado de vez em quando e nas grandes festas pelo professor formado, que se acha entre os colonos; os três colonos católicos celebraram o seu na capela, duas léguas abaixo da colônia.

O dito professor ocupando-se já há tempo com o estudo da língua nacional, todavia não achava lugar apropriado para aprender a mesma na sua pureza e não a linguagem corrompida dos Itajaianos, como porém se procurava tal lugar, e já entende bastante a língua espero que em poucos meses esteja no caso de poder fazer o exame competente e então servir na colônia como professor público.

A consignação de um conto de réis, que pelo Exmo. Sr. Presidente desta província foi concedida para construção de pontes, necessárias para um trânsito regular desde a colônia até a barra do rio, contribuía também sensivelmente para o bem dos habitantes da colônia, que as suas vantagens sabem melhor apreciar do que os outros moradores, acostumados de anda-

rem em canoa. Enquanto aquêles se interessavam vivamente nestes trabalhos e se contentavam com jornais os mais módicos, grande parte dos moradores do rio inferior negou aos ditos trabalhos todo e qualquer apoio e por este motivo, e por ser a consignação muito pequena para a multidão de pontes e outros trabalhos a fazer, falta ainda bastante coisa para haver-se um trânsito sofrível, desde a colônia até a barra, principalmente na parte inferior, onde as margens do rio são menos cultivadas, que na parte superior. Todavia este trânsito regular é uma questão vital não só para a colônia como para os habitantes e por isso todos os moradores inteligentes esperam ansiosos pelo acabamento dos trabalhos tendentes a esse fim, o qual porém depende, por grande parte, da consignação de outra nova quantia, maior ou menor, conforme o interesse e a ajuda, que se podem alcançar dos moradores brasileiros do rio inferior, ou as medidas obrigatórias pelas quais cada um será constringido de contribuir com o seu contingente para um fim tão útil e de interesse tão geral. Até o lugar de Gaspar, no meio do rio, onde moram muitos colonos alemães estabelecidos já há quinze anos, os habitantes da minha colônia agora costumam andar por terra, enquanto que os moradores brasileiros ordinariamente preferem o caminho do rio ao qual estão acostumados.

A vista de todas as circunstâncias acima enumeradas, e mais achando-se no seio da colônia um médico hábil, que em casos de doenças ou ferimentos, presta os seus socorros, e um professor muito instruído, de cujo emprêgo, por conta da província, em breve se pode esperar um ensino regular e contínuo, tanto na língua nacional como na alemã e exercício do culto divino em cada domingo, tão anelados por todos os colonos, não pode causar admiração, que estes vivem satisfeitos, alegres e sossegados e cheios de esperança num futuro próspero. Continuando eles no mesmo andar de trabalho e na mesma boa harmonia como até agora, o que é de presumir da boa índole dêles, quase sem exceção, a colônia será dentro de pou-

cos anos uma das mais bem cultivadas e risonhas regiões desta provincia.

Sendo assim, tôdas as condições para a prosperidade interna da colônia e dos seus habitantes as mais esperançosas e favoráveis, o seu engrandecimento exterior depende, desgraçadamente, de outras que um particular da minha posição não pode vencer senão por parte e ainda isso com grandes dificuldades.

A minha colônia está constantemente recomendada pela Sociedade Central de Berlim, aliás tão hostil ao Brasil; a imprensa alemã se ocupa com ela com grande benevolência; conto com grande número de amigos, que a recomendam e favorecem, em círculos particulares, tendo me mandado e ainda mandando-me colonos escolhidos e não obstante a imigração dêste ano foi extremamente diminuta. Os ataques e as agressões continuados contra o Brasil em geral, aniquilam pela maior parte a impressão favorável daquelas recomendações e não podem ser vencidas senão por meios gerais e enérgicos da parte do Governo Imperial. Para haver uma imigração espontânea, que fora dos seus braços ainda traz capital de intelligência, industria e dinheiro para o Brasil, absolutamente não se pode dispensar daqueles meios. Um dêstes seria o esclarecimento do público alemão, por folhetos, como acima indiquei; outro, o pagamento por conta do estado da diferença entre o preço da passagem para os Estados Unidos e aquêle para o Brasil, e ainda outro, a formação de mais núcleos de colonização e o auxilio dos existentes em lugares que prometem pronta prosperidade, por maiores subsídios pecuniários.

Se fiel o cumprimento de deveres carregados de livre vontade; se o mais vivo amor da causa e experiência prática; se uma reputação bem fundada e honrada na Alemanha, e boa escolha do respectivo terreno, eram as únicas condições de fazer prosperar e rapidamente engrandecer uma colônia, seguramente que a minha não cederia a alguma no Império e superaria a muitas. Não se pode porém dispensar de uma condição a tal empresa, como capital pecuniário

bastante grande e este me falta e não me deixa continuar na minha empresa senão em escala relativamente muito pequena, com os maiores sacrificios pessoais e com renúncia a quase tôdas as comodidades da vida, às quais tenho direito e que não me faltariam em outra posição menos penosa e menos cheia de encargos e cuidados. Empreendi a minha obra com o maior entusiasmo, confiando na ajuda de Deus, que não abandona obra alguma; carreguei o meu peso com firme vontade e trouxe-o, com constância, por desgraças e angústias, sem tremer; porém é de natureza na minha posição particular, de esmagar ombros bastante fortes e tornar-se nela cada dia mais pesado. Preciso, nesta posição, proceder com a maior economia e renunciar a ajuda alheia, quanto é possível, desperdiçando assim o tempo que podia empregar em misteres melhores e mais eficazes ao desenvolvimento da colônia, numa multidão de occupações insignificantes porém indispensáveis, para as quais aliás podia empregar homens subordinados. Não posso, nem preciso adiantar passagens, porém não posso dispensar-me de o fazer com terras e viveres e estes últimos já envolvem um cabedal considerável numa empresa de médio tamanho e tanto maior quanto à sua restituição se demora por quatro, até cinco e ainda mais anos e perdas por morte ou fuga dos respectivos devedores sempre ocorrem. Engrandecendo-se porém, em larga escala, como é de desejar, a população de minha colônia não de faltar-me os meios para tais adiantamentos, tanto mais quanto preciso preparar-me para o reembolso das quantias, que o Governo Imperial benignamente me adiantou e a colônia ficará interrompida no seu progresso e estacionária. Nestas circunstâncias o futuro não se poderá apresentar senão debaixo de um aspecto bastante escuro, porém não ousa de juntar às observações acima pedido positivo algum e só de recomendá-las e minha empresa à benevolente atenção do Governo Imperial. Os auspícios relativos a uma maior imigração para a minha colônia no ano próximo futuro, não são desfavoráveis e antes bastante animadores; recebi



# Os Canarinhos Pedreiros

J. FERREIRA DA SILVA

**E**RA UMA VEZ...

A história poderia começar assim, como começam as histórias bonitas, que nos tocam à sensibilidade, às profundezas do coração.

Era uma vez um frade que, como o seráfico pai São Francisco, gostava muito de passarinhos. E tinha, em sua pobre cela, centenas de canarinhos: uns louros como espigas maduras, outros amarelos, da côr do ouro. Outros brancos, outros verdes. Uns lisos, outros frisados e crespos. Todos alegres e felizes, enchendo a cela e o convento de maviosos gorjeios, cantando, em côro, as glórias de Deus e a bondade do frade que todos os dias lhes dava água fresca e alpiste do melhor e pão com leite e fôlhas de alface e ovos de formigas catados nos troncos apodrecidos da velha chácara franciscana.

Os canarinhos eram a alegria de frei Marcílio. E frei Marcílio era tudo para os canarinhos. Compreendiam-se e amavam-se.

Frei Marcílio adivinhava os mínimos desejos das gentis criaturinhas. Quando via alguma delas encorujada no poleiro, com a cabecinha de lado, o biquinho entre as penas das asas, mudo, indiferente ao pipilar alegre das companheiras, ia logo dizendo:

— Coitadinho! precisas de um purgante, precisas...

E, com o cuidado de quem pega em coisa de alto preço, segurava o bichinho pelas perninhas e obrigava-o a engolir umas gôtas de óleo de rícino. No dia seguinte, amanhecia bem e alegre.

Sentava-se, o bom frade, horas inteiras (nos domingos e dias de festa, naturalmente, porque, nos dias de trabalho, êle dava duro, de sol a sol, nos trabalhos da horta, e pouco tempo lhe sobrava para os passarinhos) diante do viveiro, que era a alegre cidade dos seus canários, e passava tempos esquecidos, vendo-os a pular de um lado para outro, piando e cantando.

Havia entre êles tenores de voz forte. E havia barítonos e havia baixos. E havia sopranos que ensaiavam árias tão bonitas e comoventes que

---

## CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

cartas de diversos partidos e pessoas abastadas que me pediram de reservar-lhes terras e anunciavam a sua vinda no ano próximo-futuro. Como porém o mesmo já aconteceu no ano passado, sem resultado e eu frustradamente fiz preparações dispendiosas em consequência de tais cartas, não posso prestar grande confiança àquelas que mencionei acima. Precisa com a maior urgência, repito ainda, esclarecer o público alemão sobre o verdadeiro estado do Brasil e refutar a fundo as mentiras sobre o mesmo, ou não haverá imigração espontânea alguma tanto conside-

rável para o Brasil. As refutações superficiais e às vêzes ridículas de diversas pessoas que me foram mandadas de Hamburgo não servem senão para piorar o atual estado das coisas e de fornecer mesmo novas armas aos agressores.

Colônia Blumenau, 4 de janeiro de 1854

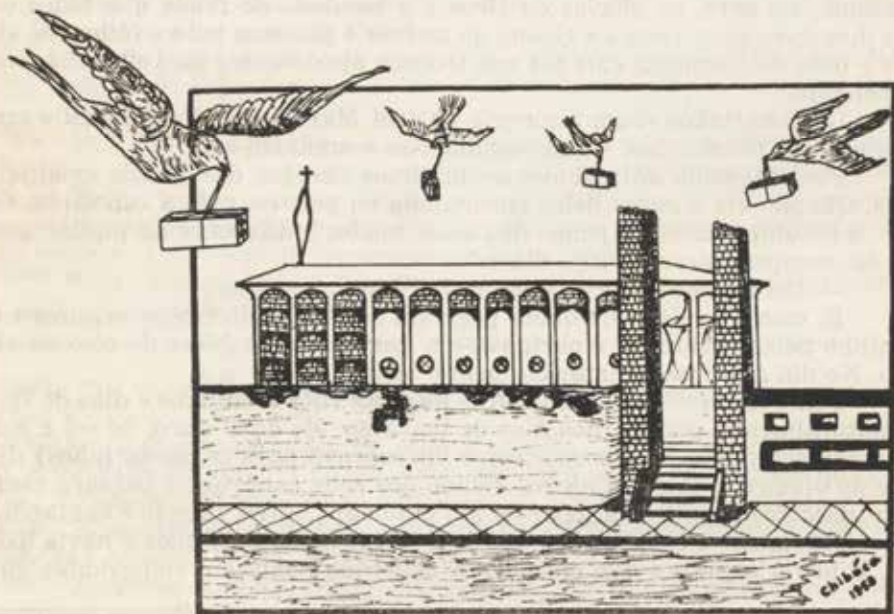
**Dr. Hermann Blumenau**

- 1) Vide dois primeiros relatórios no n.º 3, pag. 43 destes Cadernos.
- 2) Refere-se naturalmente, aos colonos que já habitavam o arraial de Belchior, antes da fundação de Blumenau.
- 3) No povoado do Gaspar.
- 4) O professor era Fernando Ostermann.

deixavam longe as do Barbeiro de Sevilha ou as de Lúcia de Lamermoor. E as canarinhas, a quem Deus não havia dado o dom do canto, ouviam, enlevadas, os companheiros e batiam compassos com as patinhas nos poleiros, fazendo o contra-canto dos trinado com um pipilar macio e quase imperceptível, entre as cataratas de sons que escachoavam das gargantas empapuçadas dos machos orgulhosos.

Eram o enlévo de frei Marcílio. Duas cousas inundavam-lhe a alma de ternura a ponto de trazerem-lhe as lágrimas aos olhos: o grande, o doce olhar da Nossa Senhora do altar-mor — uma imagem da Virgem que era um encanto para a vista e um consôlo para o coração — e o côro dos seus canarinhos.

O frade superior muitas vêzes o surpreendera enlevado, conversando com as avezitas:



— Assim, assim... Nosso Senhor também deve gostar muito de vocês. Cantem, cantem que o vosso canto deve subir aos céus como volutas de incenso, porque os vossos coraçõeszinhos não abrigam maldade...

E o frade guardião, sempre cioso do perfeito cumprimento das regras da Ordem, intervinha em tom brando:

— O meu irmão não acha que os seus canarinhos estão tomando lugar demais no seu coração que pertence todo a Nosso Senhor?

Frei Marcílio, parece que inspirado por Deus, retrucava, humilde:

— O grande coração do nosso seráfico pai também era todo de Nosso Senhor. E, no entanto, sabia sempre encontrar nêle lugar para os canarinhos. E não apenas para os canarinhos, como vossa paternidade sabe. Para as andorinhas, para os pombinhos também, para tôda a multidão das avezinhas do céu.

E o padre superior afastava-se sem saber o que responder.

Certa tarde, frei Marcílio estava, como de costume, em sua cela, re-



zando o seu rosário, acompanhando, com olhos embevecidos, os seus canarinhos. Extasiava-se ante a algazarra que faziam. E quando, entre as ave-marias e os gloria-patri, via-se transportado a um mundo diferente, transcendental, eis que pareceu-lhe ouvir, entre os trinados de um canário, pelo qual tinha especial querer, uma voz que o chamava:

— Frei Marcílio!

Se um raio tivesse caído na cela, naquela esplendida tarde de domingo, o espanto de frei Marcílio não seria menor. Olhos arregalados, dedos apertando fortemente as contas do rosário, frei Marcílio continuou fitando, a tremer, o passarinho.

— Frei Marcílio!

— Não podia vir de outra parte aquêlo chamado. Era realmente do seu predileto canário dourado.

A avezinha olhava o frade sem mêdo e, batendo o biquinho, prosseguiu:

— Frei Marcílio! Será que pela manhã, quando vais para a tua horta e o teu pomar, tu não podias soltar-me e a todos os canarinhos, meus companheiros, machos e fêmeas?

Instintivamente, em meio ao estupor que o dominava, frei Marcílio retrucou logo:

— Soltar-vos? E para quê? Não estais porventura contentes? Não tendes, talvez, diàriamente, os meus cuidados, água e ração frescas?

— Temos, frei Marcílio, temos muito. Mas não é só de alpiste que vivem os canarinhos, como não é só de pão que vivem os frades. Os canarinhos, como os frades, vivem também da graça de Deus!

Frei Marcílio murmurou entre dentes:

— Lá isso é . . .

— Pois, como os frades, nós também temos obrigação de dar graças a Deus e de demonstrar, por atos, o nosso reconhecimento Àquele de quem tudo depende. Cantamos, o dia todo, as glórias do Pai que nos proporciona o alimento, fazendo germinar os grãosinhos nos campos, mandando os raios do sol e as gôtas de chuva para fazê-los crescer e produzirem; que nos dá o amoroso aconchego das canarinhas, que dá paciência a um frade bondoso para nos proporcionar os seus cuidados e o seu carinho. Pois não está o padre superior construindo a grande matriz da sua paróquia, a custo de trabalhos enormes? Porque nós, os canarinhos, em vez de estarmos aqui, o dia inteiro no ócio, não vamos ajudar a levantar o templo do Senhor?

Frei Marcílio não pôde conter o riso.

— Ora, ora! . . . E como é que vocês vão ajudar a construir a igreja?

— Deixa isso por nossa conta, frei Marcílio. Solta-nos amanhã cedo e verás. À noitinha, quando depois de teres cantado as vésperas, voltares para a tua cela, aqui nos encontrarás a todos, descansando dos labores do dia, felizes por têmos concorrido com a nossa parte para o aumento da casa de Deus e da sua glória!

— Pois bem, assim será!

E, realmente, no dia seguinte, depois de ouvir a missa na capela do convento e de rezar as orações de preceito, frei Marcílio voltou à sua cela e abriu a portinhola do viveiro.

Em alegre revoada, os canarinhos atiraram-se ao espaço, rumo à matriz em construção, algumas centenas de metros adiante do convento.

Como fizeram, como não fizeram, para aumentar a construção,

ninguém soube, nem mesmo frei Marcílio. Mas o fato é que os pedreiros que levantavam as paredes do templo viviam intrigados porque, ao fim do dia, as paredes haviam crescido algumas fileiras mais de pedras e tijolos do que as que eles realmente haviam feito.

E à noite, depois da ceia, quando frei Marcílio voltava à cela para o merecido descanso de um dia de intenso labor entre as suas couves e as suas laranjas, encontrava os seus canarinhos empoleirados ao fundo do viveiro, as cabecinhas metidas debaixo das asas, entregues ao doce sono dos bem-aventurados...

Era uma vez...

É assim que começam as histórias que nos falam ao coração, histórias, entretanto, nem sempre verdadeiras, geralmente fantásticas, contos de fadas benfazejas ou de bruxas vingativas.

Mas a história dos canarinhos que ajudaram a construir a igreja de Blumenau é um conto verídico.

E' verdade que eles não ajudaram a construção falando a frei Marcílio, nem carregando pedras e tijolos. Mas ajudaram de maneira igualmente eficiente.

Frei Marcílio criava — e cria ainda — centenas, milhares de canarinhos e, nas festas populares, em benefício da construção da magnífica igreja de que os blumenauenses já tanto se orgulham, punha-os em leilão.

E cada canarinho rendia muitas centenas de cruzeiros que iam fazer crescer as paredes da imponente casa de Deus.

Não estavam, assim as gentis avezinhas, carregando pedras para o templo de Nosso Senhor?

---

## Honrosa opinião

**D**OM JOAQUIM DOMINGUES DE OLIVEIRA, *ilustre Arcebispo de Florianópolis, é, sem favor, uma das mais altas expressões morais e culturais do episcopado brasileiro. As suas virtudes de pastor venerando, de sacerdote exemplar, alia uma inteligência brilhante e uma bondade que cativa.*

*S. Excia. Revma., num gesto que sobremodo nos honra e nos envaidece, escreveu-nos uma carta da qual, com a devida vênia, copiamos estes trechos:*

*"Deu entrada aqui 'Blumenau em Cadernos', tomo I, número 1, de novembro findo, brochura que foi logo lida e devidamente apreciada. Apreciada em tudo. 'Pensar e agir em razão do aperfeiçoamento material e moral da comuna', a exemplo daqueles idealistas que aí souberam erguer uma obra que é o orgulho de Santa Catarina. Que oportuna e nobre finalidade! A pena que a exara revela-se das mais perfeitas e buriladas.*

*Com os agradecimentos, pois, pela gentileza da remessa, traz os sinceros parabéns quem se professa, atenta e gratamente em Jesus Cristo, — Arcebispo Metropolitano".*

*A nossa modesta publicação não poderia aspirar a maior prêmio. As palavras de Dom Joaquim nos comoveram profundamente e nos serviram de estímulo, de incentivo para prosseguirmos no caminho que nos traçamos com maior fé e maior entusiasmo.*

*A Dom Joaquim os nossos sinceros e respeitosos agradecimentos.*



# Lamentável desaparecimento

**P** 13 DE MARÇO deste ano, faleceu na capital da república um ilustre filho do Vale do Itajaí que, pelo seu saber e pelas suas virtudes, honrou a sua pátria.

Trata-se de João Geraldo Kuhlmann, diretor aposentado do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Iniciado por seu cunhado, o notável botânico F.C. Hoehne nos segredos do estudo e classificação das plantas, Kuhlmann tornou-se notável nessa ciência tendo deixado trabalhos de grande valor e que lhe valeram destacado conceito, não apenas no país, mas também no estrangeiro.

De uma ligeira biografia publicada no "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, pelo Dr. Hoehne, extraímos os seguintes dados sobre a vida de Kuhlmann, como uma homenagem à memória desse ilustre homem de ciência que a ela dedicou toda a sua vida, alheio aos interesses materiais. ciência que a ela dedicou toda a sua vida, alheio aos interesses materiais.

QUANDO o dr. Blumenau, à sementeira de "Mariano Procópio" (Ferreira Lage), em Juiz de Fora, Minas e outro colonizador no Rio Grande do Sul, nos primórdios do século XIX, criou o núcleo que recebeu o seu nome, no Estado de Santa Catarina, mediante contratação de agricultores da Alemanha, aos quais, em condições especificadas, fornecia glebas de terras, mediante pagamento em prestações resgatadas por meio de trabalho e o compromisso de manterem, pelo menos, uma quarta parte das matas nativas nos altos das mesmas, para conservação do solo e contínua adução de matéria orgânica, chegou àquela localidade o progenitor do nosso amigo aqui citado. Nessas mesmas terras vieram também engenheiros e o bem conhecido Dr. Fritz Mueller; com um dos últimos o Dr. Oederbrecht, trabalhou como camarada no levantamento do mapa hidrográfico, durante algum tempo, enquanto Fritz Mueller, mesmo de enxada na sua roça, estudava os vegetais e animais, descrevendo-os e publicando os resultados na Alemanha. Esses trabalhos foram classificados como excelentes. Por isso Charles Darwin, declarou Fritz Mueller o "Príncipe dos Observadores", embora pequena fosse no início sua biblioteca para a matéria. Por analogia dois admiradores de Geraldo Kuhlmann, classificavam-no como "iluminado em sis-

temática botânica", graças à rapidez com que encontrava o nome do gênero e da espécie de qualquer herbário que lhe era apresentado. Fama esta que os seus amigos: Drs. Francisco de Assis Iglesias e Adolfo Ducke, propalavam onde quer que se falasse no seu nome.

Filho legítimo de Frederico Kuhlmann e Rosália Bodenber, nasceu Geraldo como os demais filhos do casal, na cidade de Blumenau, em 2 de dezembro de 1882, assim 9 meses e dois dias depois de nós. Com os demais da família passou para Petrópolis, onde igualmente predominava então o elemento teutônico; pouco depois fixou-se a família Kuhlmann, na Gávea, Rio de Janeiro.

Quando o Sr. Edmundo Kuhlmann, contraíu matrimônio com uma irmã nossa, realizando-se o casamento em Juiz de Fora, ficamos conhecendo Geraldo e também a caçula da família Kuhlmann, Clara Augusta Frieda, com a qual casamos em 24 de dezembro de 1903, depois de haver-mos sido nomeado para o cargo de Jardineiro-Chefe do Museu Nacional, Quinta da Boa Vista, em 6 de setembro do mesmo ano.

Dessa época intensificaram-se os nossos interesses em prol da conquista de Geraldo, para a botânica. Nos dias feriados e facultativos fomos para a Tijuca, Jacarepaguá e outros arredores do Rio de Janeiro, para colher material e

fazer observações na natureza, prazer que desde menino mais nos atraía sempre.

Convidado para participarmos da Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, como Auxiliar de Botânica, pelo então nosso grande e bondoso amigo **Dr. Alípio de Miranda Ribeiro**, partindo em 27-6-1908 e demorando até 7-11-1909, nossa esposa ficou aos cuidados dos seus pais e **Geraldo** passou a fazer um estágio no Ginásio Lobato, em Petrópolis.

Tendo regressado do Juruena, Mato Grosso, nessa primeira viagem, permanecendo no Rio de Janeiro, para organizar o material coletado e expedir o de algumas famílias de plantas para Berlim, tornamos para Mato Grosso em 2-12-1910, levando conosco **Geraldo**, para preparador e ajudante na coleta de material botânico e seu mano **Hermano** para preparador de material de zoologia, que, a pedido do zoólogo **Dr. Alípio de Miranda Ribeiro**, que não retornou a Mato Grosso, devíamos reunir para o Museu Nacional.

Realizada esta viagem-estréia, **João Geraldo Kuhlmann**, realizou mais três viagens a Mato Grosso.

Nas relações dos herbários, figuram 7.000 números como colhidos por nós, em parte também pelo então preparador **Geraldo**, na deste botânico nas suas referidas ultteriores viagens, figuram 2.484 números de exsicatas, incluindo algumas coletas também pelo então **General Cândido Mariano da Silva Rondon**, grande amigo nosso e de **João Geraldo Kuhlmann**.

As espécies que dedicamos a este eminente botânico são dez, de diferentes gêneros e famílias de plantas. Com muitas outras foi ele homenageado também pelo seu grande amigo **Dr. A. Ducke** e fitologistas alemães e americanos.

As espécies, gêneros e famílias por ele criadas e descritas sobem a algumas dezenas e podem ser quase todas encontradas nos "Arquivos do Jardim Botânico" e ditos do "Serviço Florestal", do Rio de Janeiro, bem como nos "Anais da Primeira Reunião Sul Americana de Botânica", realizada em 1939, no Rio de Janeiro.

Nos "Anexos n.º 2, Botânica, da Comissão Rondon", publicou **Geraldo Kuhlmann** os resultados do material.

**João Geraldo Kuhlmann** era casado com **Dr. Hordália da Costa Kuhlmann**, que viúva agora, deparará, sem dúvida, com dificuldades, embora sempre exercesse atividade como educadora e diretora de trabalhos de ordem missionária. Dêsse consórcio provieram, um filho: **Guilherme Geraldo Kuhlmann**, que preferiu seguir carreira mais produtiva, tornando-se grande técnico de aparelhos elétricos, fixando residência em Montevidéu, casando-se ali (dando uma neta ao seu progenitor) uma filha **D. Zilda Kuhlmann**, casada com o **Sr. Eunice Pereira**, residia com **Geraldo**, proporcionando-lhe com os netos grande alegria e distração nos últimos anos da sua efêmera aposentadoria por implemento de idade, com a classificação de Diretor-Aposentado do Jardim Botânico do Rio de Janeiro".

---

## Gente de bom humor

**O** VIGARIO de Blumenau, Frei Braz, é muito benquisto pelos seus paroquianos. E também os que são de outras crenças, vêm no incansável franciscano um padre muito fervoroso, dedicado inteiramente ao progresso material e moral da sua paróquia. E os católicos querem tão bem ao frade que um deles propôs que, todos, nas orações da manhã, incluíssem este pedido a Nosso Senhor:

— "Senhor, livrai-nos da Petrobraz, e da Eletrobraz; mas por favor, deixai-nos o Freibraz! Amem.



# ITAJAÍ

## De Fazenda à Cidade

Almirante LUCAS A. BOITEUX

### I

**I.** QUANDO, em março de 1711, aportou em a enseada das Garoupas (hoje Pôrto Belo) o Sargento-mor da praça de Santos Manuel Gonçalves de Aguiar, em exploração aos portos catarinenses, dizia em informação que prestou, que "o rio Taá-hy se acha despojado, sem morador algum; e nêle foi morador o Capm. Miguel Dias (de Arzão?), sua mãe e irmãos e ora os achei moradores no rio S. Francisco".

O governador de S. Paulo, Botelho Mourão, morgado de Mateus, invadindo jurisdição alheia, mandou, em 1766, o Capm. Antônio Correia Pinto fundar um povoado em Lajes. Seu colega do Rio Grande do Sul, Coronel Custódio de Sá e Faria, ao saber do caso, protestou contra a suposta invasão de sua circunscrição política. Esta reclamação foi encaminhada ao Vice-rei, conde da Cunha, que, em officio de 22 de fevereiro de 1767 ao Morgado, aconselhava-o 'a não prosseguir na empreza, a fim de evitar atritos,' persuadindo-lhe a '**estabelecer povoação ao norte do rio Tujuy (Itajai), por ser mais comodo, o terreno para todas as execuções**', — dizia-lhe o conde com malícia — **de suas vastissimas Idéias**".

Diante disso, o Morgado officiou a Correia Pinto, indagando dêste "se se poderá fazer com a mesma utilidade esta fundação (a de que estava encarregado) nas cabeceiras do rio das Canoas ou nas margens do rio Tajuuy, ou em outro ponto adonde não nos perturbem". Não conhecemos, infelizmente, a resposta do fundador de Lajes.

II. — Ao referir-se aos portos da Província catarinense, de cujo governo fôra secretário, Paulo J. Miguel de Brito assim se manifesta sobre o Itajai: — "O porto de Itajahi é pequeno e pouco fre-

quentado "por não haver ali povoação, mas é seguro e abrigado, e pode vir a ser de transcendente utilidade, como adiante direi; a sua entrada é entre o Pontal do norte e a ponta Cabeçada ao lado do sul, com 6 a 7 braças de fundo; o canal é estreito e deve demandar-se com vento e maré favoráveis; o fundeadouro tem o sobredito fundo e é defronte de uma Fazenda de lavoura, chamada do Arzão, unica que com casa ali se encontra". Entre as medidas preconizadas pelo citado autor, em sua preciosa "Memória Política" (1816) lembrava êle "povoar e cultivar os terrenos de ambas as margens do rio **Tajahi-assu**, desde a sua foz até a primeira cachoeira; e o **Mirim** desde sua confluencia naquêle até onde fôr navegavel, e daí para cima até o campo da Boa Vista".

III. — A casa-real portuguesa instalara-se no Brasil, que passara, em 1815, de simples colônia à categoria de Reino-unido ao de Portugal e Algarves. Dois anos volvidos, foi chamado a sobraçar a pasta do Reino e Erário e, logo depois, as da Marinha, Estrangeiros e da guerra, o magistrado Tomaz Antônio de Villanova Portugal, que assim concentrava em si todo o mecanismo administrativo, tornando-se o ministro universal de um rei absoluto. Embora português, Tomaz Antônio sempre demonstrou, desde sua chegada, grande afeição pelo nosso país e seus naturais. Apesar de graves defeitos e de erros administrativos projetou e realizou vários serviços públicos dignos de memória.

Teve êle durante algum tempo os olhos voltados para Santa Catarina, onde pretendia estabelecer um grande Arsenal marítimo; criou a Intendência de Marinha; na enseada das Garoupas fêz assentar

uma colônia de pescadores procedentes da Ericeira, em Portugal.

Da mesma forma tratou de fundar às margens do **Itajai-mirim** um estabelecimento colonial e os alicerces de uma cidade. Para isso, procurou alguém de sua inteira confiança e com capacidade bastante para dirigir a empresa. O escolhido foi o seu Oficial de gabinete Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond (1794-1865) ilustrado brasileiro que, mais tarde, relevantes serviços prestaria à sagrada causa de nossa emancipação política sob a direção de José Bonifácio, o Patriarca.

Meu saudoso irmão José Arthur, sob o título "Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond", escreveu do Rio de Janeiro, a 11 de junho de 1913, a notícia abaixo, que a "Revista Catharinense", da Laguna, do não menos saudoso José Johanny, estampou em o A. III. n.º 1., pag. 19, de janeiro de 1914: — "Nos capítulos I e II, da última parte das "Notas para a História Catarinense" transcreve o capitão-tenente Lucas Boiteux algumas referências do ilustre brasileiro Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond aos períodos governamentais de Tovar de Albuquerque e de Pereira Valente (conde do Rio Pardo) que no quinquênio de 1817 a 1822, enfeixaram nas mãos os poderes com que, em nome de Sua Magestade, presidiam os negócios da Capitania. Por julgá-las interessantes envia as notas que coligi, em rápida leitura que fiz das "Anotações" do mesmo Vasconcellos de Drumond, enviando o leitor que queira conhecer-lhe a biografia ao "Brasil Histórico do Dr. A. J. de Melo Moraes.

"Denunciado falsamente de pertencer a uma das Sociedades secretas que tão larga influencia tiveram nos acontecimentos determinativos da revolução de 1817, em Pernambuco, Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond, que então exercia o cargo de Contador da Chancelaria-mor, gozando da inteira confiança do chanceler Thomaz Antônio de Villanova Portugal, recebeu o injusto castigo de seguir para Londres. Abalado pela atitude assumida por Vasconcellos de Drumond, decla-

rando-lhe que "voluntariamente não partiria, porquanto era inocente", acrescentando "que si o julgava criminoso, mandasse pô-lo em processo e si o considerava inocente, não consentisse que se abusasse de sua boa fé nem que o fizessem instrumento da perseguição de um moço que, no principio de sua carreira, já tinha dado boas provas da sua honra e da sua probidade"; "o poderoso Chanceler resolveu, atendendo ao precário estado de saúde de jovem funcionário, que fôsse para Santa Catarina "mudar de ares com seis meses de licença".

"Conta-nos Vasconcellos de Drumond — prossegue José Boiteux — que da denuncia ao dia de sua partida decorreram muitos meses, mais de um ano. Governava então a capitania o coronel João Vieira Tovar de Albuquerque".

Aqui um parêntesis. A 14 de fevereiro de 1820 Drumond apresentou ao Governador referido o seguinte Aviso real: —

"El Rei N.S. Ho servido que Vmce. vá se apresentar a João Vieira Tovar Albuquerque, Governador da Capitania da Ilha de Santa Catharina, para tomar posse d'huãs Terras para o mesmo Senhor junto ao Rio Tajahy-mirim, a fim de nelas formar hum Estabelecimento segundo a direcção que lhe ha de dar o mesmo Governador, na forma das Instruções que serão a este dadas por esta Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino. O que participo a Vmce. para que assim se execute. Ds. Ge. a Vmce. Paço em 5 de Fevereiro de 1820. — Thomaz Antônio de Villa Nova Portugal — Snr. Antônio de Menezes Vasconcellos de Drumond".

Este aviso só foi registrado, mais tarde, no Destêrro, a 28 de março do ano seguinte, pouco antes do regresso de Drumond ao Rio. Infelizmente, não alcançamos descobrir as instruções transmitidas ao governador Tovar.

Prossegue José Boiteux: — "Ali permaneceu Vasconcellos de Drumond sete meses, que éle bem aproveitou, estudando a situação da capitania, traçando-lhe um vasto pla-



no de melhoramentos. Regressando ao Rio, apresentou circunstanciado relatório ao chanceler Villanova Portugal, que o aprovou, cometendo-lhe a incumbência de colonizar as terras banhadas pelo rio Itajaí. Dois outros inestimáveis serviços ficou devendo a capitania a Vasconcellos de Drumond, que propôs a abertura de uma estrada do Destêrro a Lajes e a desanexação desta então vila da capitania de S. Paulo e sua reunião à de Santa Catarina. Ambas as propostas foram aceitas por Villanova Portugal, que determinou fossem executadas. "A obra da abertura da estrada — narra-nos Drumond — foi interrompida pela revolução de 1821, que decidiu do regresso do rei D. João VI a Portugal. Não sei se depois da Independência essa obra continuou, nem o estado em que se acha. O que me parece é que deve ser acabada e em toda a sua extensão, criadas colonias agrícolas de gente livre, cujo numero nunca será demasiado. Todo aquele terreno é muito produtivo. Da Vargem dos Pinheiros se tirou o mastro grande para a nau S. Sebastião, que foi construída no Rio de Janeiro. A intenção de Tomaz Antonio era de criar ali colonias nacionais e estrangeiras".

No tocante aos trabalhos executados no Itajaí, diz-nos Vasconcellos de Drumond, que alguns se fizeram, "mas nem houve tempo nem meios para os levar ao cabo", porquanto assumindo a pasta do Reino, o almirante Quintela lhe dirigira um aviso, em data de 26 de fevereiro de 1821, recomendando suspendesse todas as obras que exigissem despesa e se retirasse para a corte, visto S.M. dar por acabada a comissão de que estava encarregado.

"Todavia, — acrescenta o illustre brasileiro — ali se construiu uma sumaca denominada S. Domingos Lourenço, que foi a primeira embarcação daquele lote que passou a barra do rio Itajaí, carregada de feijão, milho e taboado, para o Rio de Janeiro. Ainda do Itajaí mandou Vasconcellos de Drumond, sem nenhum dispêndio para os cofres publicos, a madeira para a construção do edificio destinado

ao Museu nacional. De S. Francisco, que também visitou, enviou àquele Museu algumas perolas "pequenas mas de boa qualidade", pescadas ali. A 9 de maio de 1821 chegava ao Rio de Janeiro Vasconcellos de Drumond, a bordo da sumaca **Venus**, de propriedade do negociante catarinense João Luiz do Livramento, para cujo bordo fôra acompanhado pelo governador Tovar de Albuquerque, pelo intendente de Marinha Miguel de Souza Melo e Alvim e por outras pessoas qualificadas".

Quando Drumond aportou ao Destêrro (hoje Florianópolis) ali encontrou o sábio naturalista francês Saint-Hilaire. Tratou logo de seguir para o Itajaí a pôr em prática os planos ministeriais. Com uns tantos soldados, dispensados das fileiras do 12.º Batalhão (do coronel Inácio Madeira, o verdugo da Bahia na guerra da Independência) e perceberiam 160 rs. diários no 1.º ano e 80 rs. no segundo, iniciou êle no sítio escolhido, as derrubadas, plantações, edificações expeditas para o alojamento dos colonos e a montagem de uma serraria. Logo em seguida deu principio à construção naval, pondo no estaleiro a quilha de uma sumaca. A futura povoação, que devia ser chamada "São Tomaz da Villanova", em homenagem ao nomeado ministro, foi delineada pelo coronel português, da arma de engenharia, Antônio José Rodrigues (1774-1858), mandado em junho de 1819 a Santa Catarina incumbido das obras das fortificações e outras de engenharia.

A respeito da missão de Vasconcellos de Drumond, assim se manifesta o historiador catarinense M.J. de Almeida Coelho, à pag. 93 de sua "Memória histórica", primeira edição de 1856: — "No mesmo ano (1820) veio da corte do Rio de Janeiro Antônio de Meneses Vasconcellos encarregado da fundação de uma Colônia no rio Itajaí. Este homem gastou um ano em passear e iludir (expressões de uma memória que temos presente, e vamos copiando) o Ministro a bem do seu interesse particular, vexando os pobres moradores do lugar, a quem dava a tarefa de serrar taboado, e cujos jornais

# MONUMENTOS DA BACIA DO ITAJAI



**A** IGREJA MATRIZ da cidade de Itajaí, que se vê na foto acima, é um dos mais grandiosos e imponentes monumentos arquitetônicos de toda a bacia do Itajaí. Honra quem o idealizou, os que o executaram e, principalmente, o povo nobre e virtuoso da bela cidade da foz. O projeto é de autoria do arquiteto Simão Gramlich, de Blumenau, que também é autor dos projetos das suntuosas igrejas de Santa Cruz do Sul, de Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul, de Gaspar e de Rio do Sul, que focalizaremos em nossos próximos cadernos. Sua construção foi iniciada em 1941 e concluída em 15 de novembro de 1955. Os trabalhos, entretanto, estiveram interrompidos durante dois anos, de 1945 a 1947. O orçamento de sua construção montou em Cr\$ 9.500.000,00. Mede 60 metros de comprimento por 25 de largura. Com sua lotação completa, comporta de 4 a 5 mil fiéis. É seu atual administrador, como vigário da paróquia, o Revmo. Sr. Cônego Wendelino Hobold, sacerdote que goza de geral estima entre os seus paroquianos e mesmo dos de outros setores religiosos, pela sua cultura, pelas suas virtudes e pelo seu desassombro em defesa da fé e da religião.

---

CONTINUAÇÃO DA PAGINA ANTERIOR

nunca foram pagos, apesar de dispender a Fazenda real em tão pouco tempo, pois retirou-se em 1821, o melhor de cinco mil cruzados: não fez mais do que uma derru-

bada, sem deixar sinal algum de Colônia. Ouviu-se-lhe por muitas vezes dizer: aproveitemos o Ministro d'Estado (Villanova Portugal) que está velho".



# Efemérides Blumenauenses

## A B R I L

1881 - dia 3. A "Theater Gesellschaft" leva à cena a comédia em 4 atos "Der beste Ton".

1881 - dia 17. Funda-se em Encano, atualmente do município de Indaial, uma sociedade agrícola "Landwirtschaftlich Verein" com o fim de instruir os colonos na prática da agricultura e especialmente intensificar o cultivo do algodão. Seus primeiros dirigentes foram: O. Bachmann, presidente, A. Lauth, vice e O. Heilmenn, secretário.

1881 - dia 18. Exame público no Colégio São Paulo.

Nesse mês, foram feitas experiências de moagem de trigo de grãos importados pela firma W. Asseburg, de Itajaí.

1881 - dia 21. Em visita à colônia, chegou o conhecido viajante Amand Goegg. Esse camarada fez uma conferência pública na casa de Friedenreich, tendo, entretanto, que interrompê-la por ter desagradado a muitos dos presentes.

1882 - dia 25. O Dr. Antunes, com os membros da sua comissão e soldados, retiraram-se da vila, embarcados no vapor "Progresso".

1882 - dia 30. Numa reunião da Sociedade dos Atiradores, esta confere o título de sócio honorário ao Dr. Alfredo d'Escaragnole Taunay, deputado geral, pelos bons serviços que havia prestado à colônia.

1883 - dia 4. Aparece o primeiro número do semanário "IMMIGRANT", de propriedade de Bernardo Scheidemantel e que foi, mais tarde, substituído por "Der Urwaldsbote". Aparecia às quartas-feiras e a sua assinatura custava 4\$000 por semestre e 7\$000 por ano. De regular formato, geralmente com seis páginas, trazia abundante noticiário. Defendendo ponto de vista contrário ao do "Blumenauer Zeitung", jornal fundado em 1880, não tardou em apresentar-se oportunidade para que os dois semanários entrassem em luta acesa. O julgamento, pelo júri, de um polaco de nome Wolek, que pretendia pôr fogo numa capela, no Indaial, serviu de pretexto para acaloradas discussões. Assim é que no número 2, do "Immigrant", o vigário padre Jacobs, fez publicar, na "Seção Livre", a seguinte carta: "Prezado Senhor Redator. O aparecimento do seu "Immigrant", por outros fundamentos e também porque se está, agora, com meios para defender-se dos ataques do "Blumenauer Zeitung" e de pôr as cousas no devido lugar, deve ser saudado com alegria. Quando eu, há coisa de um ano, respondi, aberta e logicamente, as calúnias reproduzidas por aquele jornal contra a igreja católica e os seus ministros, em vez de publicar a defesa, disse simplesmente: "O artigo do Padre Jacobs não será publicado para não perturbar a paz religiosa". Assim, a gente deve deixar-se ofender, mas defender-se, não. Assim também no número de 7, deste mês, ele vem com novas insinuações. A afirmação do "Blumenauer Zeitung" de que é uma ridicularia o incêndio de uma capela católica prova uma falta de tato

que eu, para manter a minha dignidade, nem sei como caracterizar. Porém a afirmação de que, de comêço, a aludida capela foi construída para a escola, por católicos e protestantes, e que, mais tarde, fôra transformada em templo católico, é uma inverdade, pois o signatário desta foi quem orientou e acompanhou os trabalhos da construção da capela, destinada ao serviço divino e também a dotou dos utensílios e paramentos necessários a êsse serviço. Como vigário, entretanto, permitiu que, se fôsse criada uma escola, funcionasse na referida capela. Isso tudo eu disse francamente perante o júri. Ou acha o "Blumenauer Zeitung" que eu sou capaz de jurar falsa? 8 de abril de 1883. José Maria Jacobs, vigário". A nota do Blumenauer Zeitung, a carta do vigário Jacobs, o artigo-programa do "Immigrant" suscitaram discussões interessantes que, não raro, chegaram aos desaforos, às injúrias, vendo-se nelas envolvidos Baumgarten, Fritz Mueller, Friedenreich, Scheidemantel, Scheeffe e outros. A carta do padre Jacobs, não ficou sem resposta. "Um jurado", no número de 16 de abril, voltou a atacar o sacerdote. Êste respondeu pelo número de 25, confirmando e reforçando as alegações de sua missiva. Fritz Mueller, por sua vez, passou a atacar o "Immigrant" e W. Friedenreich.

1859 - dia 4. A lei n.º 164, de 1859, desmembrou o território da freguesia do Santíssimo Sacramento do Itajaí da jurisdição de Pôrto Belo para constituir município autônomo. A jurisdição do novo município se estendia sôbre o território dos atuais municípios de Itajaí, Brusque, Blumenau, Gaspar, Indaial, Rodeio, Timbó, Ibirama, Presidente Getúlio, Rio do Sul, Taió, Ituporanga e Vidal Ramos. O primeiro da nova vila delimitava-se pela extrema das terras de Dona Felícia Alexandrina Leão Coutinho ao sul e pelo ribeirão de Joaquim José da Silva, ao norte e quarenta braças para o centro, contadas da beira-mar.

1936 - dia 2. Deixa o cargo de prefeito do município de Itajaí o Sr. Arno Bauer, destacado comerciante e industrial e grande propulsor do progresso do município.

1947 - dia 26. Exonera-se das funções de prefeito municipal de Itajaí, o Sr. Abdon Foes.

1884 - dia 6. À noite, foi observado um interessante fenômeno celeste: entre duas nuvens carregadas de eletricidade, fronteiras uma à outra, e distanciadas por uma estreita faixa, viu-se um globo, da luminosidade de Vênus, ir e vir, com espantosa velocidade, de uma para outra nuvem centenas de vezes.

1884 - dia 18. Teve início mais uma sessão do júri. Entraram em julgamento vários réus, quase todos êles condenados. Um certo Carlos Teske, acusado de homicídio, foi condenado às galés perpétuas.

1884 - dia 21. Os bugres atacaram a residência do colono G. Mastellotti, no Caminho dos Tiroleses. Diz-se que aos bugres haviam se juntado alguns cabochos que, assim, tinham mais probabilidades de roubar impunemente os colonos.

1885 - dia 8. Com 91 anos de idade falece um dos mais antigos colonos de Blumenau, Benjamin Schenke.



Fábrica de Tecidos  
**CARLOS RENAUX S. A.**

Telegramas: **TECIDOS**

**FIAÇÃO**

**TECELAGEM**

**TINTURARIA**

**FECULARIAS**

**DESPACHOS**

**NAVEGAÇÃO**

**LOJAS**

**Tecidos de alta qualidade**  
**Côres firmes**

**BRUSQUE**

**SANTA CATARINA**

**BRASIL**

**Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.**

**COMPRA E VENDA DE MADEIRAS**

**PARA TODOS OS FINS**

**Madeiras para construções**

**Telefone, 1248**

**Rua 7 de Setembro**

**BLUMENAU - Santa Catarina**